



No "estilo Apoena", o índio é conquistado à força; só depois é que ele distribui os presentes

FOTOS EDILSON MARTINS

1570 É - 31.08.77

EXPEDIÇÃO

Apoena volta à selva

Os zorós, desafio que o bom sertanista é incapaz de recusar

Edilson Martins

Apoena Meirelles volta a pôr mochilas às costas, facão na cintura, saco de farofa ao ombro, calça de brim, camisa cáqui de algodão e, mais uma vez, repetindo não só o gesto, mas toda uma herança recebida do velho Chico, seu pai, sertanista lendário, sai em busca de tribos arredias nos sertões da Amazônia.

Nos próximos dias partirá para o vale do rio Branco, nas proximidades do Parque Indígena do Aripuanã, no Território de Rondônia (veja o mapa), onde vivem os zorós, conhecidos como "ca-beças-secas", cer-

tamente a última tribo da região até hoje sem qualquer contato com a civilização. A expedição de Apoena contará com mais um sertanista, um atendente, quatro índios suruí, seus velhos amigos, que atuarão como intérpretes, dez trabalhadores — abridores de picadas — e muitos brindes.

Juramento. Essa expedição, mais uma em sua vida, constitui a quebra de um juramento desse imbatível jovem, que, embora em tão curta vida (27 anos), já se viu no centro de tantos problemas e polêmicas. Afastado da direção do Parque Indígena do Aripuanã porque ousou, de forma corajosa — e imprudente, para muitos —, se colocar contra a invasão das terras dos índios por parte de grupos poderosos, ele garantira nunca mais voltar a participar de frentes de atração.

Atrair índios selvagens, que vivem em harmonia, autênticos, sem os males da civilização, que em tão curto tempo acabam por exterminá-los ou então torná-los apáticos, desestruturados, alcoólatras, corresponde ao exercício de apanhar sapos e servi-los à serpente civilizatória, a que já se referiu Noel Nutels — misto, enquanto viveu, de sertanista-médico ou médico-sertanista.

Os índios zorós ocupam a margem direita do rio Branco e a margem esquerda do igarapé Tiroeteio, e constituem uma dissidência, tudo indica, do grupo suruí, hoje rivais sem tré-gua. Apoena Meirelles, ao se propor chefiar essa expedição, quebrando um juramento assumido com ele mesmo, o faz por razões especiais. A necessidade de se ir ao encontro dos zorós, postos em sossego até bem pouco, se deve ao avanço, agora insuportável, de projetos agropecuários e colonos

procedentes do Sul do país, que formam um círculo que se está fechando em torno desses índios.

Interdição. Agravando ainda mais a situação dos índios zorós, a área onde eles vivem há séculos não foi até agora preservada por nenhum decreto de interdição. E essa omissão está evidentemente gerando uma incontrollável corrida na direção destas terras, por parte de empresas e grupos do Sul. Não interditada pela Funai, grupos econômicos se apresentam com títulos de posse nessa área do vale do rio Branco e igarapé Tiroeteio.

Apesar de sua fibra e destemor, próprios de quem já viveu nos sertões, Apoena hoje é um homem no mínimo magoado. Em 1972 ele foi afastado, juntamente com seu pai, do Parque Indígena do Aripuanã, interrompendo assim um sonho de ambos: realizar no Aripuanã o que foi feito no Parque do Xingu pelos irmãos Villas-Boas. Foram assim impedidos de demarcar o Parque do Aripuanã, introduzir todos os índios da região nessa área e, desta forma, uni-los na defesa intransigente de suas terras.

Mais tarde, Apoena Meirelles permaneceu sete meses inativo em Cuiabá, e só não chegou a passar fome durante esse período porque foi socorrido por amigos que lhe arranjaram um emprego na Universidade local, como forma de sobrevivência.



Em 1973 substituiu os irmãos Villas-Boas, que acabavam de atrair os kren-a-karore e, incompatibilizados com a política desastrosa do então presidente da Funai, Bandeira de Melo, abandonaram a direção da frente de atração.

Apoena Meirelles permaneceu apenas dois meses junto aos índios kren-a-karore, pois com a morte do velho Chico ficou sem condições emocionais de permanecer nessa frente. Ainda em 1973 deslocou-se para o Norte do Estado de Goiás, na tentativa de atrair os avá-canoeiros, expedição da qual participei. Contactados os avá-canoeiros do Aripuanã, retorna a Brasília, sendo então escolhido diretor do Parque Indígena do Aripuanã, por decisão pessoal do general Ismarth de Araújo, atual presidente da Funai.

A permanência. Na atração dos avá-canoeiros, Apoena Meirelles utilizou um método de trabalho que terminou gerando polêmicas acirradas. Em lugar de permanecer meses "namorando" esses índios, tática empregada pelos irmãos Villas-Boas e outros sertanistas, optou pelo método da surpresa. Não mais permanecer dez, quinze meses oferecendo brindes. Localizada a aldeia, aproveita-se o amanhecer do dia e, dando tiros de rojão no pátio, invade-a "no peito", aos gritos, de tal forma que o índio não possa fugir. Assim, Apoena agiu com os avá-canoeiros.

Mais uma vez Apoena não permaneceria por muito tempo no exercício de um cargo. Após oito meses na direção do Parque Indígena do Aripuanã, é deslocado para a reserva indígena dos waimiri-atroari, no Estado do Amazonas, já que o sertanista Gilberto Pinto, velho amigo desses índios, fora eliminado, juntamente com mais três funcionários da Funai. Gilberto Pinto, da velha guarda do extinto SPI (Serviço de Proteção ao Índio), foi um grande companheiro de Chico Meirelles.

Na reserva dos waimiri-atroari Apoena Meirelles e seu grupo permanecem apenas nove meses, já que muitos foram os atritos com o delegado da Funai em Manaus. As divergências se tornaram tão dramáticas que terminou pedindo demissão do quadro de sertanistas da Funai. Depois de viver um intenso conflito de foro íntimo, uma vez que o afastamento significava uma ruptura definitiva com a luta de seu pai, ele procura o general Ismarth, que concordou com sua volta a essa fundação. No centro de todos esses incidentes, vale esclarecer, encontra-se a defesa intransigente do índio brasileiro.

O último incidente na atribulada vida desse sertanista foi com o governo de Roraima, que reagiu aos

termos de um relatório sobre a situação dos índios nesse Território. Quando, em maio deste ano, Apoena Meirelles visitou Roraima mostrou, num relatório, que o quadro geral dos aborígenes nessa região é bastante lastimável. Lembrou inclusive que a Funai não possui nesse território sequer uma área indígena demarcada, o que constitui um verdadeiro absurdo, já que aí vivem diferentes grupos, tais como os makuxi, ingariku, wapichanas, maiongong e sanumá.

O general Ismarth de Araújo, a cuja administração se deve uma política de maior respeito aos grupos indígenas, dizia-me recentemente que se "entregar o cargo com as reservas indígenas demarcadas, confesso que serei um homem feliz".



Apoena: aos 27 anos, uma experiência de velho sertanista

O Brasil é hoje um país praticamente devastado; basta ver o que resta de flora e fauna nos Estados do Sul, Nordeste e Centro. As manchas de verde, nesse quadro geral de devastação, são as terras indígenas, e em torno delas a ganância de grupos econômicos se tornou ostensiva. Demarcar as áreas indígenas é questão tão grave, tão importante na preservação do que resta de populações primitivas, que basta lembrar o episódio com índios suruí, no Parque do Aripuanã. As empresas de loteamento, apoiadas em posseiros arrivistas, chegaram inclusive a impedir (pela força, vejam bem) que a Funai demarcasse a reserva dos suruí.

Sem saída. Os índios zorós, que a Funai agora decidiu atrair, estão praticamente acoados. Não podem se deslocar na direção do rio Sete de Setembro, porque aí vivem os suruí, seus tradicionais inimigos. Depois, há os colonos, que também já ocupam essa área. Os suruí já aprenderam a conviver, no que é possível conviver, com os colonos; mas os zorós não. No início de 1975 houve um choque

entre zorós e suruí, resultando na morte de um adulto (uma mulher) e uma criança desse último grupo.

Essa ameaça de choque é maior, uma vez que as flechas, arcos e mesmo traços físicos são semelhantes entre suruí e zorós. No passado devem ter sido um só grupo. Houve um cisma, certamente em decorrência do crescimento numérico da tribo, e então eles se dividiram. Tornaram-se inimigos ferozes. Como o colono não sabe distinguir naturalmente essas diferenças, um ataque dos zorós é logo atribuído aos suruí, então a situação se complica, já que querem retaliar estes últimos, uma vez que, com a invasão de sua reserva, observa-se uma promiscuidade entre silvícolas e sociedade abrangente.

Em direção ao posto Capitão Cardoso também estão impedidos de se deslocar, dada a existência, nessa área, dos temíveis cintas-largas, os mesmos que eliminaram o jornalista Possidônio Bastos. O índio, que tem uma necessidade natural de andar, se deslocar, caminhar, está, no caso dos zorós, praticamente ilhado, aciado. O que lhe resta são contatos com moradores das fazendas Castanhal e Rosevale e isso se torna extremamente temerário. Os primeiros contatos com uma tribo ainda arredia nunca devem ser feitos pelas chamadas frentes pioneiras, formadas por homens inteiramente despreparados, que vêem o índio como bicho, objeto de galhofa geral. Para não falar da cobiça de suas mulheres e filhas por parte da chamada sociedade abrangente.

Embora não se sabendo com certeza, calcula-se que os zorós contem com cerca de oitocentos índios. É um número relevante, no momento em que somam, em todo o país, não mais de 130 mil, eles que na época da Descoberta constituíam uma população de pelo menos 4 milhões de habitantes.